

MICHELI ORTEGA ESCOBAR. Mulher. Marxista. Professora Latinoamericana de Educação Física

Por: Celi Nelza Zulke Taffarel



Muitas vidas e muitos quilômetros a separaram da terra que a viu nascer. A sua infância se desenvolve no Chile, aquela comprida faixa de terra que corre entre *“la cordillera y el mar”*, no sudoeste da América, infância marcada por valiosas experiências de vida, entre as quais destaco o contato profícuo com o pai, comunista que lhe dá como legado a compreensão das bases de uma ideologia para lutar. Como criança da classe média, recebeu a educação

primária numa escola pública, anexa à Escola Normal nº2, onde posteriormente se daria sua formação como professora do ensino fundamental.

Apesar da tenra idade as mocinhas da Escola Normal começavam a identificar e compreender que havia um movimento do mundo impulsionado pela luta entre as diferentes classes sociais e que, no interior do magistério, se expressava como uma certa consciência política, um tanto quanto

contraditória, entre a pregação do magistério como sacerdócio e como possibilidade de ação política.

Paralelamente ao curso da Escola Normal se dá sua vida como atleta de nataçãõ que lhe permitiu viver uma experiência que lhe deixaria fortes marcas. Sua treinadora também trabalhava na recuperação de crianças com sequelas de poliomielite, doença que naqueles anos assolava a América Latina. É desta experiência que nasce e cresce seu fascínio com este trabalho, passando à acalantar o sonho de ser professora e ter um dia a sua própria piscina para se dedicar à recuperação de portadores de deficiências.

O que faz na atualidade, inclusive com sua própria filha, também pós-graduada em Educação Física Especial.

Casou, teve quatro filhos – Patricia Lorena, José Santiago, Marcela Paz e José Miguel – que a acompanharam posteriormente quando decidiu ser brasileira.

As incursões no mundo da investigação científica se iniciam na Escola Normal com a exigência de elaboração de uma monografia – chamada “memória” – como um dos requisitos para finalização do curso. As leituras sobre os pedagogos socialistas a levaram a encontrar as ideias de Robert Owen e nele se inspirou para defender o cooperativismo como possibilidade pedagógica de desenvolvimento da valorização do coletivo dentro da escola. Trabalho que foi alvo de muitos elogios no meio escolar.

Inicia sua vida de professora primária em 1957, na escola de uma pequena cidade vizinha à capital do Chile, Santiago. Era considerada uma boa professora, no dizer dos seus alunos, sempre estendendo o ensino para os problemas além-escola. Questionava-se... por que ser professora?

Por que investir no enriquecimento da nossa personalidade para esse fim? Entendia-se nesta reflexão a ideia de que o professor não se forma apenas na passagem por uma escola especializada. Forma-se, principalmente, através do constante intercâmbio com os outros, com a comunidade da qual não pode se afastar porque nela se confronta com a realidade e dela se realimenta. Só na comunidade existe a condição de desenvolver a compreensão das responsabilidades que exige a busca da verdade e da liberdade e a recusa da alienação e da opressão; de compreender as próprias limitações e os próprios compromissos; de desenvolver a consciência de sermos homens e de ter um destino comum que se tece no meio das convicções políticas apreendidas.

Trabalha durante dez anos no nível primário. Realiza a sua primeira especialização em Educação Física para o ciclo básico no Instituto Superior do Magistério e de imediato é chamada para integrar a equipe técnica de um Departamento da província de Santiago, onde, além de dar aulas, passa a trabalhar na capacitação em serviço.

Entre os anos de 1967 a 1970 dedica-se a sua graduação no curso de Pedagogia da Educação Física, dependente da *“Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Chile”*, a qual finaliza com a elaboração de um trabalho científico bem mais rigoroso do que a “memória” dos tempos de normalista. Foram quatro autores que decidiram intitular o trabalho científico de final de curso com o nome de “Experiências metodológicas de uma investigação científica: relação entre os esportes e a socialização cívica e moral dos estudantes secundários de Chile”. Essa pesquisa foi orientada por um professor visitante da Universidade de Stanford (EUA) e lhe permitiu apropriar-se

de técnicas de investigação científica. Os dados colhidos levaram o grupo a penetrar o mundo das ideias políticas dos jovens da classe média alta do Chile, verdadeira intenção da pesquisa e da visita do cientista norte-americano, naquele especial momento político que precedera a eleição de Salvador Allende como primeiro presidente socialista na América – e os acontecimentos que se sucederiam no ano 73, a saber, o assassinato de Allende e a tomada do poder pelos militares.

Micheli reconhece que este foi um espaço penoso nas vidas de graduandos no Chile. Revelados os verdadeiros motivos da pesquisa orientada por pesquisador estrangeiro protestaram junto à Diretoria Acadêmica ameaçando inclusive não continuar a investigação. Segundo Micheli o bom sabor do trabalho científico decorreu com um certo rastro amargo.

Neste período sua vida é demarcada por três fatos importantes. (a) Apresenta-se como candidata ao concurso para professora da Escola Normal Superior “José Abelardo Nuñez”, em Santiago, a mais importante do país, e, aprovada, começa a lecionar Didática da Educação Física no curso Normal e nas “*Menciones*”, ou Licenciatura Curta. (b) Ao mesmo tempo passa a integrar a equipe técnica da “*Asesoría de Educación Física del Ministerio de Educación*”, tendo como principal trabalho o treinamento em serviço – o qual a coloca em contato com professores de todo o país – e a elaboração das propostas curriculares. (c) A visita ao México, como integrante do grupo do intercâmbio cultural, durante as Olimpíadas de 1968. Naquele momento México era convulsionado pelos trágicos eventos estudantis de Tlatelolco o que deixava claro o destino comum para os latinos.

Mas antes disto passou por dificuldades enormes. Divorciou-se e decidiu sair do país como forma de encontrar novos horizontes. Apresentou-se a um concurso da OEA ganhando uma bolsa para especialização em Supervisão e Administração Escolar (III CASEAL. MEC. OEA, 1972). O aludido curso era para professores de toda América Latina. Programado para acontecer em Panamá, por diversas circunstâncias vem a acontecer em São Paulo. Com este fato altera-se o rumo de sua existência e a de muitos brasileiros que com ela conviveram, inclusive os rumos de minha própria formação acadêmica na UFPE. Foi ela que nos aproximou das teorias mais avançadas na época no campo da Educação Física.

O curso com mais de oitocentas horas de aulas foi, contraditoriamente, interessantíssimo e ao mesmo tempo altamente inquietante visto estar o Brasil imerso na mais profunda repressão. Lembra Micheli que os comentários dos colegas, e as veladas manifestações dos professores brasileiros e da imprensa, mostravam a face escura da ditadura e acendiam as esperanças no foco de mudanças que estava se instalando no Chile.

Encontra aí intelectuais brasileiros de destaque na pesquisa da época, como Ivani Fazenda, e elabora uma monografia com o tema “*La supervisión y el entrenamiento en servicio*”, sob orientação do Dr. Aparício, professor de Supervisão Escolar, além de participar num trabalho coletivo do curso, sob orientação da Dra. Loide Faustini: “*A supervisão na América Latina*”, publicado posteriormente pelo MEC/OEA, 1972.

Nesse período de estudos intensos em São Paulo, encanta-se pelo Brasil, terra tropical, e leva em sua pele uma palavra que lhe era desconhecida: saudade.

O retorno ao Chile a confrontam com acontecimentos terríveis. O início do fim de um sonho de muitos – o governo socialista de Allende -, e no universo pessoal, o enfrentamento de problemas familiares gravíssimos.

Decidiu emigrar admitindo que estava impregnada do espírito indômito e da valentia dos antepassados araucanos, além da clara compreensão de que nesta larga e cruel América Latina não existem fronteiras a diferenciar grandemente, a separar os milhares de homens que sem saber ler e escrever são impedidos de alcançar a existência digna e o usufruto da cidadania. Admitiu que poderia viver em outra pátria. Admitiu, na condição de professora latina, que existem alunos à espera de além-fronteiras por professores compromissados com o ato de ensinar. Tendo sempre presente em sua vida as palavras do poeta Chileno Pablo Neruda - a pior opressão a que um povo pode ser submetido é a ignorância – levou a frente no Brasil as suas posições políticas e teóricas, como professora latina.

Em 1973 põem-se frente á terra que haveria de se converter na sua nova pátria, o Brasil. Fascinou-se pelo nordeste e começou a amar o calor do seu sol e o frio das suas misérias. Nunca mais saí do nordeste. Trouxe os filhos e instalou seu lar, sempre aberto aos camaradas. Encantou-se e prendeu-se para sempre. Realizou sonhos, mas, amargou as solidões que todos nós amargamos quando deixamos nossos pagos de nascença.

Foi contratada pela UFPE e começou a lecionar no Departamento de Educação Física, onde permaneceu até o final dos anos 1990. E foi lá, na condição de estudante do Curso de Educação Física que a encontrei e deste encontro demarcou-se uma relevante

e útil contribuição para a Educação Física brasileira.

Substitui a sua família de laços consanguíneos por aquela que se constrói por laços afetivos e por compromissos políticos. Amigos viraram irmãos, tios e tias dos seus amados filhos: Patricia Lorena, José Santiago, Marcela Paz e José Miguel. Conheceu nesta época seu atual companheiro, Roberto Burkhardt, professor de Educação Física da Universidade do Estado. Como ela, um lutador. Construíram juntos uma escola de natação – *Aqua Vida Center*. Realizou assim seu sonho de adolescência: tratar de pessoas portadoras de deficiências. Em 1985, com a mediação do colega Jurgen Dieckert, da Universidade de Olenburg, Alemanha, junto a Editora Ao Livro Técnico, lançaram o livro “Natação para portadores de deficiências”, contendo as experiências e conhecimento elaborado no laboratório aquático.

Na Universidade Federal de Pernambuco envolveu-se nos trabalhos da graduação e pós-graduação. Encontramos, parceira extraordinária, e desenvolvemos um interessante trabalho que logo se desdobrou em campos significativos para nossa área. Primeiro, num programa da televisão educativa da importante rede Globo no qual mostramos uma prática pedagógica crítica da Educação Física escolar. O programa foi chamado “*Criança, movimento e vida*” e nele veiculamos, durante um ano, as ideias que nasciam dos projetos comunitários realizados nos bairros populares de Recife. Estas experiências, mais tarde, nos forneceriam subsídios para outros três livros de metodologia do ensino da Educação Física. Publicamos vários trabalhos. Um deles, envolvendo o programa, foi apresentado num congresso internacional em Cuba, chamando a atenção pela criatividade.

No ano 1987 vivemos uma memorável e importante experiência como professores engajados na luta pela melhoria da qualidade do ensino: participamos na gestão do Governador Miguel Arraes. Seu companheiro, professor Roberto, como Diretor do Departamento de Educação Física da Secretaria de Educação, Micheli como Assessora da área pedagógica e eu como doutoranda na UNICAMP após dirigir o Núcleo de Educação Física da UFPE onde inauguramos o Setor de Extensão Universitária da área da Educação Física desenvolvendo trabalhos nas escolas na rede Pública do Estado de Pernambuco, nas escolas em redes e, nas comunidades do entorno da UFPE.

Este trabalho conjunto, com outros profissionais da educação entre os quais Elizabete Varjal, culmina com a elaboração de uma proposta curricular – publicada oficialmente – que provoca um movimento crítico de revisão das propostas curriculares da Educação Física, ao longo do país, criando ótimas oportunidades de discussão em diversos encontros científicos e impulsos para novas produções na área curricular.

Sucederam-se vários trabalhos, sempre coletivos: “Metodologia Esportiva e Psicomotricidade”. Recife, Gráfica Recife. Ano 1987. “Extensão da Educação Física/ Esportes: Realidade e Necessidades”. In: Educação Física e esportes na Universidade. Brasília. MEC/SEED, 1988, livro que mereceu o 3º lugar no VI Prêmio MEC de Literatura Desportiva de 1989. “Pesquisa de avaliação dos XVIII Jogos Escolares Brasileiros”. In: Esporte na Escola: os XVIII Jogos Brasileiros como marco reflexivo. Brasília. MEC/SEED. 1989. “Contribuição ao debate do Currículo em Educação Física: uma proposta para a escola pública”. Ed. Secretaria de Educação de Pernambuco.

Recife. 1989. “Visão Didática da Educação Física. Análises e exemplos de aulas”. Coleção Educação Física. Série Fundamentação 11. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro/1991. “Metodologia da educação Física”. Coleção Magistério 2º Grau. Série Formação do Professor. Cortez Editora. São Paulo. 1992, livro também conhecido como O Coletivo de Autores (Micheli Ortega Escobar, Carmem Lucia Soares, Valter Bracht, Lino Castalani Filho, Elizabete Varjal, Celi Zuke Taffarel) e, o texto incluído no livro “Educação Física: uma perspectiva para o século XXI”. Editora Papirus. São Paulo. 1992, de autoria de Micheli Ortega Escobar, Carmen Lucia Soares e Celi Zulke Taffarel.

Vem o período dos estudos da Pós-graduação na UNICAMP entre 1991 e 1996. Seu desempenho acadêmico excepcional permitiu que os estudos de mestrado fossem seguidos ao do doutorado, o que resultou na defesa da tese, em 1996, sob a orientação do professor Dr. Luiz Carlos de Freitas sobre a crítica à Didática e a organização do trabalho pedagógico na Educação Física. Sua tese recebeu o título de “Transformação da Didática: Construção da Teoria Pedagógica como categorias da prática: Experiência na disciplina escolar Educação Física”.

Com a aposentadoria, ocorrida no final dos anos de 1990, decorrente da pressão forte da perda de direitos, com os avanços da reforma do Estado e a destruição da previdência pública pela previdência privada, Micheli continua contribuindo com a Educação Física brasileira agora a partir de outras duas instâncias: (a) Universidade Federal da Bahia e, (b) Ministério do Esporte criado a partir de 2003 no governo de Luiz Inácio Lula da Silva. Passa a ser professora colaboradora da UFBA e Assessora do Ministério do Esporte.

Desdobram-se daí trabalhos em uma parceria fortemente consolidada na amizade, respeito, consideração, mas, fundamentalmente na unidade teórico-metodológica. Seguem-se a assessoria na UFBA para reestruturação curricular, criação de linha na pós-graduação e consolidação do Grupo de Pesquisa LEPEL/FACED/UFBA um dos mais produtivos da FACED/UFBA na área de Educação e Educação Física. No Ministério do Esporte contribuiu para programas e projetos entre os quais destacamos a pesquisa sobre Diagnóstico Nacional do Esporte.

Atualmente é professora aposentada da UFPE, colaboradora com a UFBA e

pesquisadora do CNPq. Constitui a equipe que está executando o Diagnóstico do Esporte cujo resultado deverá ser entregue ao Senhor Ministro do Esporte no termino do ano de 2014 para subsidiar a tomada de decisão política sobre os rumos do esporte no Brasil, enquanto patrimônio cultural da humanidade, cujo acesso deve ser garantido a toda a classe trabalhadora, juntamente com todos os outros bens que garantem a vida com dignidade, o que requer a luta pela superação do capitalismo, transição ao socialismo, rumo ao comunismo, razão de ser de nossa existência.